

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Educação de um selvagem : as experiências pedagógicas de Jean Itard / Luci Banks-Leite, Izabel Galvão (organizadoras.) – São Paulo : Cortez, 2000

Vários autores.  
ISBN 85-249-0765-7

1. Crianças selvagens 2. Educação especial 3. Itard, Jean Marc Gaspard, 1775-1838 4. Menino Selvagem de Aveyron 5. Pedagogia I. Banks-Leite, Luci. II. Galvão, Izabel.

00-4286

CDD-370

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Itard, Jean : Experiências pedagógicas 370

Luci Banks-Leite • Izabel Galvão (Orgs.)

Carlos R. Luis • Heloysa Dantas • Leandro de Lajonquière  
Luciano Migliaccio • Regina Maria de Souza

# A EDUCAÇÃO DE UM SELVAGEM

As experiências pedagógicas  
de **JEAN ITARD**

 **CORTEZ  
EDITORA**

## SUMÁRIO

### Parte I: Ensaaios

Uma <i>introdução</i> à história de Victor do Aveyron e suas repercussões <i>Luci Banks-Leite e Izabel Galvão</i> .....	11
Representar o corpo, representar o selvagem <i>Luciano Migliaccio</i> .....	25
O homem natural e a revolução iluminista: linguagem e semiótica em Jean Itard <i>Carlos R. Luis</i> .....	39
O des(encontro) entre Itard e Victor: os fundamentos de uma Educação Especial <i>Luci Banks-Leite e Regina Maria de Souza</i> .....	57
O lugar das interações sociais e das emoções na experiência de Jean Itard com Victor do Aveyron <i>Izabel Galvão e Heloysa Dantas</i> .....	83
Itard victor!!! Ou do que não deve ser feito na educação das crianças <i>Leandro de Lajonquière</i> .....	105

**Parte II: Relatórios de Jean Itard**

Relatório I: Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron .....	123
Relatório II: Relatório feito a Sua Excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron .....	179

**ITARD VICTOR!!**  
**Ou do que não deve ser feito na educação das crianças**

*Leandro de Lajonquière*

A saga pedagógica do Dr. Jean Itard junto ao *Selvagem do Aveyron* continua a alimentar nossa curiosidade. Os seus dois detalhados relatórios, escritos com a finalidade de informar à comunidade científica e às autoridades ministeriais em Paris os resultados de sua empresa, bem como o belo filme de Truffaut — *L'enfant sauvage* — são objeto de atenção renovada no Brasil e no exterior. Por sinal, se assim não fosse, esta coletânea que o leitor tem nas suas mãos não teria vindo à luz no mercado.

Tanto a leitura dos relatórios quanto o filme atizam, invariavelmente, os mesmos sentimentos contraditórios. Sentimentos que, por sua vez, habitaram o próprio Itard. Ontem, como hoje, Victor — o Selvagem — faz palpitar espíritos e corações, levando-os da euforia ao desânimo. Por quê? Pela simples razão de que sua suposta educação, desenhada para retirar o que de selvagem se supunha habitando nele, não deixa de encenar, uma e outra vez, a pergunta pelo ser do homem, pela sua suposta origem ou, se preferirmos, por aquilo que nos causa enquanto sujeitos ao *desejo*.

Num primeiro momento, Itard e nós mesmos não deixamos de experimentar antecipadamente uma certa satisfação psíquica. Não é para menos, uma vez que, no início, supõe-se que logo viremos a saber sobre a “*a soma, até agora incalculada, dos conhecimentos e*

das idéias que o homem deve à sua educação” (p. 127, neste volume). Isto é, experimenta-se a certeza de vir a saber tudo sobre nós mesmos. Entretanto, quando o livro é fechado e a sala de projeção é abandonada, somos tomados por um certo desapontamento que tentamos remediar, assim como o próprio Itard também o fizera. A comparação de Victor conosco, faz da experiência um grande fiasco, porém, a lembrança de seu estado intelectual e moral quando de sua retirada da floresta, modaliza o impasse no qual se meteu a empresa pedagógica do iluminado e inventivo (psico)médico.

Dessa forma, por um lado, sentimo-nos desapontados, pois continuamos a padecer da mesma ignorância sobre as origens, e, por outro, mantemos a ilusão sobre a possibilidade de virmos algum dia a saber. Assim, leitores e espectadores passam a esperar que a sorte de fato os acompanhe, numa próxima oportunidade. Já o próprio Itard, apesar do abatimento e do desânimo, confessos no segundo relatório, continuou a depositar, na sua educação metódica, a mesma fé cega do início, bem como passou a esperar intimamente que a floresta o presenteasse com um outro selvagem mais dócil e educável, ao ponto de não frustrá-lo de vir a solucionar a charada do humano. Mais ainda, enquanto isso, ou seja, enquanto aguardou, ressentido e em vão, até sua morte, o dia em que a ciência o saudaria exclamando “*Itard victor!!*”<sup>1</sup>, dedicou-se à tarefa, comparativamente menos espetacular, de fazer os surdos falarem.

Como afirmamos, a curiosidade em torno dessa experiência pedagógica é compreensível na medida do mistério nela contido. A oscilação dos ânimos também o é. Para a psicanálise, é de fato impossível tanto vir a usufruir da certeza almejada quanto renunciar, em última instância, ao desejo que assim não seja. Mas, apesar de parecer estarmos condenados a uma maníaca oscilação, a psicanálise alerta, leitores e espectadores, que é *a priori* fatível não reiterar as desventuras espirituais de um Itard na proporção do reconhecimento psíquico da impossibilidade de se esbanjar certeza em matéria educativa.

Itard não soube tirar nenhum verdadeiro ensinamento de seu fracasso. Soube, sim, aperfeiçoar sua metódica inventividade. Justamente aquela que, hoje, não cessa de ser lembrada, por não poucos

1. A exclamação latina “*Itard victor*” significa “*Itard vence*”. A grafia e a pronúncia com o nome próprio francês são equivalentes.

pedagogos, como condição *sine qua non* de toda educação prezada científica e moderna. Assim, seus panegíricos também não conseguem passar a limpo a história desse fracasso anunciado.

Desconhecemos a série singular de razões que impossibilitaram Itard de renunciar à louca tentação de usufruir de uma vitória contundente. De fato, se o tivesse conseguido, por um lado, Victor teria acabado por se parecer a seu mestre, e, por outro, Itard teria satisfeito o insistente desejo de saber com clareza e distinção sobre o que supomos ser. Essas razões, por sinal, são as mesmas que lhe impossibilitaram retirar da empresa um certo ganho analítico, ou seja, usufruir do saber que, ao contrário, mais teria valido entrar nesta empresa professando uma *douta ignorância* para assim desdobrar sublimatoriamente a interrogação que o animava e — quem sabe — possibilitar a Victor o usufruto de um destino subjetivo não tão funesto. Entretanto, conhecemos quais foram suas esgrimidas razões teóricas. Elas articulam-se em torno do rechaço sistemático do *sujeito*.

Nesse sentido, se a “educação moral” do *Selvagem do Aveyron* tem um mérito a ser, hoje, reconhecido, esse não é a *recusa* de Itard em reconhecer a impossibilidade aninhada na educação pretendida, mas o fato de ela ser um rotundo contra-exemplo na matéria. Com efeito, essa celebrada empresa pedagógica ilustra, precisamente, o que não deve ser feito em matéria educativa e, portanto, a necessidade de exorcizarmos o que há de morte em todo desejo de vitória pedagógica.

\* \* \*

O esquema básico do raciocínio pedagógico de Itard é o seguinte: educar é desenvolver *faculdades* adormecidas contidas no organismo graças à natureza. Onde, por um lado, as faculdades são consideradas como possibilidades de *vir a ser* segundo uma linha de aperfeiçoamento crescente tendente ao ideal estabelecido por uma sociedade e, por outro, o princípio motor da educação é a *imitação*. Já, a imitação é a resposta que o organismo, objeto de educação, não pode não dar, uma vez que está submetido à *lei da necessidade*, grife do obrar natural. Assim, a intervenção educativa, à medida que responde à lei da necessidade natural, acorda as faculdades intelectuais e morais que, imitando, passam a apre(ender), por intermédio dos *sentidos*, as *idéias simples e complexas*, veiculadas por uma socieda-

de. Por último, de todas as faculdades há uma que se destaca em especial. Trata-se da *linguagem* ou faculdade de manejar *signos*, que tanto traduzem o mundo das coisas quanto exprimem as necessidades do organismo e, portanto, não podem não estar sujeitos a uma *intenção*<sup>2</sup>. O seu destaque obedece ao fato de ela poder *associar*, conforme uma complexidade crescente, as idéias transmitidas, de forma, ora espontânea por uma sociedade, ora metódica por algum especialista em *medicina moral*.

A educação “à Itard” é uma empresa que se pensa a si mesma como um processo natural de aperfeiçoamento. Por um lado, temos um germe de saber humano ou subjetivo operando no real do organismo e, por outro, uma intervenção pedagógica que não faz mais do que *colocar em ato* esse sábio funcionamento natural. Como alguns comentadores afirmam, coube a Itard não ficar preso ao clássico dilema *inato-adquirido*. De fato, o seu algoritmo psicopedagógico sintetiza ambos os extremos, uma vez que postula a existência de dois mundos diferentes *ma non troppo* — o organismo que não pode não apre(e)nder e a sociedade transmissora de idéias, expressões de necessidades naturais. Em princípio, parece haver uma diferença entre a *natureza* e a *sociedade* mas não é bem assim, pois essa última visa o desenvolvimento da natureza, enquanto fundamento primeiro. Portanto, a potestade da intervenção societária, ou seja, a educação, é derivada. Ela está em função de sua sintonia com o saber suposto operando no real.

Nesse sentido, entende-se a dívida de Itard para com os princípios do sensualismo filosófico de Condillac. A tese da estátua que aos poucos começa a se mexer é o centro em torno do qual se estrutura o ideário colocado em operação na *educação moral*. Se Itard não almejasse aperfeiçoar um saber subjetivo já operando no organismo, um pedaço amorfo de alguma pedra pouco nobre teria lhe bastado. Porém, desejoso de vir a merecer o título de perfeccionista, pressupõe uma estátua, ou seja, uma matéria já informada, embora adormecida, que, como Branca de Neve, espera por um beijo estimulante. No entanto, a floresta, longe de agraciá-lo com um ser belo, dócil e paciente, colocou nas suas mãos um outro que, embora selvagem, o plano da criação o tinha, certamente, contemplado com um pouco de saber natural. Enquanto ao pai espiritual do sensualismo

2. Ou seja, para Itard, exprimirem necessariamente uma única intenção.

correspondeu uma estátua feita de filosofia marmórea, ao nosso médico, alguma coisa que, embora se mexesse não muito esteticamente, estava feita de carne, cabelos e ossos.

Assim, explicar-se-ia a teimosia pedagógica de Itard. Talvez, pretendia matar vários coelhos de uma cajadada só. Com efeito, demonstrando que Victor não era um prêmio de consolação, a Natureza seria mais digna que suas aparências e, finalmente, ele mesmo mais meritório que qualquer metafísico de plantão.

A educação “à Itard” representa uma inflexão no ideário pedagógico. Por séculos, os adultos tanto intuíram quanto refletiram, mais ou menos filosoficamente, que deviam educar visando a transformação de um *real* infantil num modo *ideal* de existência adulta. Porém, Itard e outros médicos-pedagogos do século XIX passam a inverter decididamente a direção da intervenção educativa. Com efeito, passam a considerar plausível e desejável a empresa de se tornar *real* um *ideal de natureza*, assim como, outrora, os gregos teriam realizado as coordenadas essências do humano, esculpindo harmônicas e clássicas estátuas.

Dessa forma, Jean Itard é um verdadeiro pioneiro daquilo que chamamos o *discurso (psico)pedagógico hegemônico* na atualidade. Ele exprimiu com clareza meridiana aquilo que, hoje em dia, é sonhado em matéria educativa. Como afirmamos em *Infância e Ilusão (psico)Pedagógica* (1999), a educação gira em torno da *tese da adequação natural*, entre, por um lado, o suposto estado espiritual infantil e, por outro, a intervenção do adulto. Pensa-se que o sucesso educativo está em função do grau de adequação da intervenção, sendo o seu grau máximo a realização de uma pretensa e psico/bio/lógica natureza humana<sup>3</sup>. Em suma, essa forma de sonhar a intervenção do adulto junto às crianças implica a *renúncia ao ato educativo* e, portanto, torna *a priori* a educação — seja familiar, seja escolar — num fato de difícil acontecimento.

Essa espécie de lei é válida para todas as crianças. Mas o fato de se tratar de crianças “normais” — aquelas que avançam na constituição de uma *neurose infantil* — ou, ao contrário, das “outras”, como, por exemplo, o próprio Victor, não é sem conseqüências. Uma criança “normal”, tomada num dispositivo pedagógico pensado nesses termos,

3. Para maiores detalhes sobre a reflexão psicanalítica que se segue, consulte-se a obra referida.

possui *a priori* maior chance de *inverter* uma demanda educativa, que, ao final de contas, nega-se a si mesma. Assim, ela não está, em princípio, condenada a entrar em *pane psíquica* nas nossas escolas. Por sinal, a “normalidade” que essa criança usufrui, no início de sua escolarização, é resultado de uma educação primordial ou familiar que, além das racionalizações paternas em contrário, não colocou, em última instância, em ato os fantasmas psicopedagógicos de um Itard. Entretanto, quando se trata das “outras”, as chances de que uma *educação especialmente* inspirada na “educação do *Selvagem do Aveyron*” não seja menos do que um fracasso educativo anunciado, aumentam *a priori*. Justamente, essas “outras” crianças, por estarem em desvantagem psíquica para *inverter* uma *demanda pedagógica* que *pressupõe* a recusa do *sujeito*, são, em princípio, candidatas “naturais” à *ecolalia* ou à *inibição*. Nesse caso, elas, como o próprio Victor, a despeito de conquistarem certos automatismos comportamentais, são vítimas de um especial *fracasso educativo* que não faz mais do que reiterar aquele outro primordial que, precisamente, lançou-as como *autistas*, *psicóticas* ou como *débeis mentais* a habitarem o campo da linguagem<sup>4</sup>.

Em suma, Jean Itard deve ser lembrado não só por ser o pioneiro que foi, mas também por ter esbanjado uma determinação, uma tenacidade e uma inventividade raras hoje em dia. Mas não apenas por ter encarnado à perfeição a figura psicopedagógica atual. Com efeito, ele deve ser lembrado como expoente meridiano daquilo que não deve ser pretendido na educação, ao menos, é claro, que nossas crianças sejam feitas de mármore.

\* \* \*

Um *dispositivo pedagógico*, como o colocado em ato por Itard, articula-se a partir da *recusa do sujeito do desejo*. Em outras palavras, o seu funcionamento pressupõe a morte subjetiva, a despeito de qualquer conquista eventual de automatismos intelectuais ou comportamentais.

Nesse sentido, a pretendida educação de Victor não passa de uma espécie de arapuca psicopedagógica, uma vez que seja qual for a sua resposta à metódica estimulação, segundo a imperiosa lei da necessidade, ela nunca é *metaforizada* ou considerada por Itard como

4. Talvez caiba pensar como *débil* a posição de Victor.

a marca de *um desejo a ser reconhecido*. Assim, quando não responde como esperado, Itard conclui, sem margem à dúvida, que Victor não entende, que respondeu por acaso ou que falou espontaneamente, isto é, sem intencionalidade. A resposta não esperada, bem como aquela esperada, mas dada a destempo, são consideradas como expressão daquilo que de selvagem ainda há nele, ou seja, como o resultado do operar de um princípio outro que não o mesmo que regeria, segundo a ótica de Itard, o mundo decididamente humano. Por outro lado, quando Victor responde exatamente como esperado, seja ou não por acaso, é como se assinasse sua própria certidão de óbito psíquico, uma vez que a demanda pedagógica implica a sua redução à condição de *objeto* — rebento de uma natureza psico/bio/lógica à margem da *castração* e do mal-estar psíquico.

A *educação moral* condena, antecipadamente, Victor a escolher entre dois destinos possíveis: ou se entrega ao frenesi ecolálico, para a imensa satisfação de seu mestre, ou simplesmente não responde, seja porque é tomado pela inibição, seja porque entra em colapso e desespero psíquico. Mas, nem sequer não respondendo, Victor desaponta verdadeiramente Itard. Com efeito, o mestre sempre tem uma explicação científica ao alcance da mão, capaz de repor, instantaneamente, a *satisfação psíquica* que o insucesso psicopedagógico poderia implicar ou, em outras palavras, capaz de restaurar o seu *narcisismo* avacalhado por um selvagem, arisco à toda racionalidade. Em suma, o lugar reservado para Victor na história é apenas um e não dois. Trata-se daquele de vir ilustrar a verdade apodíctica da reflexão itardeana e, dessa forma, entregar-se como objeto para o gozo do *Outro*. Assim, desde o início, nosso médico tem garantida sua meritória saudação *Itard victor!!*<sup>5</sup>

Nesse contexto, podemos compreender por que Victor tanto acaba por não apre(ender) a falar, quanto balbucia, pela primeira vez, a palavra *leite* numa oportunidade precisa segundo o relato de Itard.

Victor não fala para Itard por duas razões. Por um lado, a fala ocupa um lugar de destaque no sistema filo/médico/pedagógico do mestre e, portanto, é precisamente aí que o aluno, a despeito de sua obediência em outros afazeres pedagógicos, não entrega o pedido —

5. Como Itard contava inconscientemente que sairia vitorioso da empresa, o primeiro nome que lhe veio à cabeça foi *Victor*. Como sabemos, uma vez lhe ocorrido o nome, Itard justifica a *associação livre* aludindo ao fato de que o ouvido do menino respondia ao som *o*.

a figuração mais apreciada do *objeto de gozo* para Itard — numa tentativa desesperada de resguardar o pouco do *desejo* que pode lhe dizer respeito<sup>6</sup>. Por outro, o próprio dispositivo pedagógico destinado a fazê-lo falar implica no aborto da mesmíssima *palavra humana*.

Jean Itard reconhece, mesmo que por caminhos tortos ou, se preferirmos, apesar de suas teses lingüísticas erradas, que a fala nos distingue dos animais<sup>7</sup>. É por isso que insiste denotadamente na sua aprendizagem. Entretanto, ele não consegue entrever que o “uso da palavra” pressupõe um sujeito ao qual um outro lhe tenha doado, num tempo logicamente anterior, um *lugar de enunciação* numa história. Assim, o próprio Itard acaba embaralhando a apre(nde)ndizagem da palavra. Ele procede, de fato, no sentido contrário àquele seguido intuitivamente por uma mãe<sup>8</sup> que, ao metaforizar os sons emitidos pelo *infans*, converte este último em “seu bebê”, bem como aqueles outros, em palavras carregadas de intencionalidade. É claro que o fato de uma mãe proceder dessa forma está em função de sua *posição inconsciente* a respeito da *castração* e não das teses lingüísticas que diga eventualmente seguir. Itard *recusa* sistematicamente doar o uso da palavra a Victor uma vez que, seja por uma ou por outra razão, o som porventura emitido nunca deixa de ser considerado como aquilo que é enquanto real, ou seja, som insignificante. Já uma outra posição é a ocupada por Madame Guérin e, portanto, as poucas palavras que Victor pronunciou estiveram a ela endereçadas.

Como Itard se recusa a doar o uso da palavra, só resta a Victor tomá-la por assalto surpreendente, para, depois, voltar a se esconder no mutismo ou apenas “exercitar” aquele na hora de dormir, ou seja, fora do alcance imediato do mestre. Ao contrário, uma criança “normal”, a despeito de também tê-la que conquistar, continua a fazer um uso brincalhão e público da mesma. A primeira vez que Victor pronunciou a palavra *leite* foi por ocasião de Itard servir a bebida “de forma desesperada”. Ou seja, quando Itard age de forma inesperada tanto para ele — não constava na programação pedagógica fazer isso — quanto para seu aluno, Victor faz uso da palavra. Mas também quando Itard age de forma desesperada, isto é, com desespero. Em suma, seja num ou no outro sentido, Victor fala quando a *castração*

6. Parece que o mutismo está para Victor como a negativa a comer está para o anoréxico.

7. O nosso médico acrescentaria à frase “e também dos selvagens”.

8. Em certo sentido, Itard se endereça ao Selvagem como uma mãe de autista.

no *Outro* fica comprovada. No entanto, uma vez que o mestre tenha recuperado a compostura (psico)pedagógica, Victor é chamado a “silêncio”. Assim, a palavra *leite* pode ser pronunciada várias vezes mas nunca o será um “verdadeiro uso” (p. 159), ora por supostamente não exprimir intenção nenhuma, ora por levar a marca do *prazer* em vez da *necessidade*.

Itard almejava que Victor falasse mas não estava disposto a pagar o preço psíquico que semelhante conquista comporta. De fato, o uso da palavra revela-se um paradoxo. O seu uso faz dela uma outra palavra, seja porque o emissor fala de um outro lugar, isto é, responde de onde não era esperado, invertendo a *demanda do Outro*, seja porque quem escuta a considera signo de *uma outra* coisa. Em suma, quando uma palavra se revela outra, entre a primeira e a segunda abre-se uma fenda que possibilita precisamente a realização do *desejo* sempre insatisfeito<sup>9</sup>.

O mestre, é claro, nada queria saber acerca do desejo e, portanto, escutava, não *outra*, mas sempre a *mesma coisa*, prevista de antemão, a despeito de qualquer tentativa em contrário do aluno. A sua *recusa* do *desejo* era incólume. Numa ocasião dedicada a “ensinar” o uso da palavra, valendo-se do recurso das famosas etiquetas, Itard sentiu-se “desfalecer de impaciência e de desencorajamento” (p. 204), sentou-se num canto da sala e finalmente desabafou com Victor que, por sua vez, como qualquer criança ciente de ter desapontado o adulto de quem esperava reconhecimento, caiu em prantos. Entretanto, Itard considerou que as lágrimas vertidas não exprimiam sentimento algum, ou seja, eram isso só — lágrimas — pois, como o conhecia muito bem, Victor carecia do pré-requisito do *entendimento*.

No entanto, os adultos “comuns” escutam sempre uma *outra coisa*. Seja no sentido de que escutam aquilo que querem e podem psicologicamente escutar, seja porque a criança, falando de um lugar não esperado, balbucia de fato uma outra palavra que aquela objeto da solicitação. De fato, por exemplo, os pais sempre esperam que as duas primeiras palavras de seu filho sejam “papai” e “mamãe”, porém eles sempre festejam — graças ao jogo de cintura psíquico de poder escutar *uma outra coisa*, à diferença de Itard — a pronúncia

9. Quando entre *uma* e *outra* palavra não há fenda nenhuma temos a holófrase. Sobre o particular, remito o leitor à análise meridiana de A. Vorcaro (1999).



de qualquer *uma outra* que, como sabemos, sempre é não importa qual, menos as duas palavras esperadas.

\* \* \*

Educar é transmitir *marcas simbólicas* ou *significantes* que possibilitem à criança o usufruto de um lugar a partir do qual o desejo seja possível. Em suma, é simplesmente o contrário não só daquilo que Itard pensou reflexivamente que era senão também daquilo que acabou *colocando em ato* com Victor.

Para que *uma* educação venha, *a posteriori*, revelar-se possível, a despeito da impossibilidade d'A Educação, é *a priori* devido que o adulto em posição de mestre *ensine* — ou seja, mostre signos — ao tempo que *denega* a própria demanda educativa. Justamente, é a operação inconsciente de *denegação* da demanda que faz, dos *signos* mostrados, *significantes* do *desejo*. A transmissão de significantes possibilita a conquista de um lugar de *enunciação*. O usufruto desse lugar por parte de alguém, sujeita-o ao *desejo do Outro*, ou seja, faz dele *um sujeito* numa história. Tudo aquilo que Jean Itard esperava que Victor viesse a conquistar quando de sua entrada efetiva na sociedade — ou seja, no campo do *discurso* — é de fato a marca registrada da operação de um *sujeito do desejo* em qualquer um de nós. As entidades psicológicas ditas “criatividade”, “vontade”, “generalização”, “abstração”, “fala” etc. não são mais do que isso, isto é, efeitos da posição psíquica do sujeito no discurso, síntese da *alienação* e *separação* no campo do Outro da linguagem.

A *fala* pode ser considerada como a marca por excelência da sujeição desejante. Ela é o efeito *princeps* de uma educação primordial bem-sucedida. Assim, a precariedade da fala de Victor resulta do fracasso educativo motorizado por Itard. É claro, desconhecemos a sorte que poderia ter ocorrido caso não tivesse caído nas mãos do inventivo e tenaz médico.

Por que falamos? Para ensinar e perguntar. O quê? Aquilo que suspeitamos ser a *verdade*. De fato, os animas, mesmo que emitam sons, não entram na dimensão da verdade. Sigmund Freud, à diferença de Itard, não pensava que o homem entra nela graças ao contato sistemático com as *coisas*, mas através da *idéia* de *pai*. Em suma, o pai é a *idéia diretora* do mundo das idéias, ou seja, do campo do discurso, enquanto o *desejo* — seu avesso — é sempre materno.

Quando um homem fala não faz mais do que inventar a mesmíssima *idéia de pai*, isto é, um *pai morto*, para assim agenciar uma resposta possível ao interrogante, *princeps* e irredutível, do *desejo materno*. Em suma, falar é conjugar a dialética edipiana.

O que implica o dispositivo discursivo chamado educação moral do *Selvagem do Aveyron*? Simplesmente, o estouro da dialética edipiana.

Nesse sentido, para que Victor houvesse tido alguma chance de vir a experimentar um outro destino não tão funesto, a sua educação deveria ter sabido recuperar a trilha perdida quando de sua errância na floresta. Em outras palavras, a *educação* de Victor deveria ter sido — parafraseando C. Kupfer (2000) — *terapêutica*. Não se tratava de “curar” o estado “selvagem” de Victor, mas de germinar a possibilidade de que viesse a produzir a *idéia diretora de pai* para, assim, centrar a pergunta pelo *desejo do Outro*. É precisamente essa idéia que, à maneira de uma bússola psíquica, poderia ter colocado Victor nos trilhos da civilização.

As chances de Victor vir a ocupar um lugar de enunciação na história eram de entrada mínimas, dados os parâmetros (psico)pedagógicos impostos por Itard. Eles condensavam o *campo fantasmático* no qual ele estava tomado singularmente. Assim, as chances de Victor entrar na dimensão da verdade são mínimas, pois o mestre reduz a possibilidade da idéia de pai operar, de fato, na sua intervenção junto ao aluno. A sua não-operatividade reduz Victor à posição de um animal a ser adestrado. Ao contrário, se tivesse operado, teria havido chance dele usufruir do lugar de discípulo ou de filho.

Um *adestrador* de animais selvagens, um *mestre* e um *pai* não são a mesma coisa. O primeiro deve não querer saber nada da *castração*, enquanto está trabalhando dentro da jaula do leão, caso queira, é claro, salvar sua cabeça. Ora, os outros devem estar dispostos, ao contrário, a perdê-la de entrada, pois não há nem mestre nem pai que agüente. A produção por parte de uma criança da idéia de pai, ou seja, do *pai simbólico*, implica a morte do pai, isto é, o deflacionamento do *pai imaginário*. Mas, para que isso aconteça, o mestre e o pai devem poder vir a se colocar a respeito da criança como *pai real*, ou seja, referidos à *castração*, que não é outra que a Lei imperiosa do *desejo*.

Jean Itard tinha uma necessidade imperiosa em desconhecer a castração. Parece que o *desejo* era um *affaire* que lhe fazia perder a cabeça. Assim, tentando não vir a perdê-la na educação de Victor fez de tudo para "cantar vitória antes da glória"<sup>10</sup>. Em suma, fez o que não deve ser feito, pois, para uma criança vir a ter a cabeça no lugar, o adulto tem que estar disposto a perder a sua, uma vez que a educação sempre cobra seu preço<sup>11</sup>.

#### Referências bibliográficas

DE LAJONQUIÈRE, L. (1992). O legado pedagógico de Jean Itard (a pedagogia: ciência ou arte?). In *Educação e Filosofia*, v. 6, n. 12, pp. 37-52.

\_\_\_\_\_. (1999) *Infância e ilusão (psico)pedagógica. Escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis, Vozes.

ITARD, J. (1801) *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron*. Tradução neste volume.

\_\_\_\_\_. (1806) *Relatório feito a Sua Excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron*. Tradução neste volume.

KUPFER, M. C. M. (2000) *Educação para o futuro. Psicanálise e educação*. São Paulo, Escuta.

VORCARO, A. (1999) *Crianças na psicanálise. Clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.

10. Conhecido dito popular da língua castelhana.

11. Pois é, os pedoburocratas de hoje estão sonhados pelo sonho de Itard: querem que a educação seja não só psíquica, mas também economicamente de graça.

# DE L'ÉDUCATION

## D'UN HOMME SAUVAGE,

OU

### DES PREMIERS DÉVELOPPEMENS PHYSIQUES ET MORaux

DU

### JEUNE SAUVAGE DE L'AVEYRON.

Par E. M. ITARD, Médecin de l'Institution Nationale des Sourds-Muets, Membre de la Société Médicale de Paris, etc.

---

Quand on dit que cet enfant ne donnait aucun signe de raison, ce n'est pas qu'il ne raisonnât suffisamment pour veiller à sa conservation; mais c'est que sa réflexion, jusqu'alors appliquée à ce seul objet, n'avait point eu occasion de se porter sur ceux dont nous nous occupons.....  
..... Le plus grand fonds des idées des hommes est dans leur commerce réciproque.

CONDILLAC.

---

A PARIS,

Chez GOUJON fils, Imprimeur-Libraire, rue Taranne,  
N<sup>o</sup>. 737.

---

VENDÉMIAIRE AN X. (1801)

